

Resenha do livro:

DUARTE, Newton. **Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões?:** quatro ensaios crítico-dialéticos em filosofia da educação, Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

Resenha por Neide de Almeida Lança Galvão Favaro e Michelle Fernandes Lima*****

SOCIEDADE DO CONHECIMENTO OU SOCIEDADE DAS ILUSÕES? QUATRO ENSAIOS CRÍTICO-DIALÉTICOS EM FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Em tempos de mundialização do capital e de flexibilização do trabalho humano, marcados por mudanças tecnológicas e pela recomposição do sistema produtivo, o conhecimento assume papel relevante no contexto ideológico da sociedade capitalista e, por decorrência, há um revigoramento do mito de valorização da educação por sua relevância para o desenvolvimento das nações, voltando esta ao cerne das discussões políticas e econômicas.

As propostas globalizantes são veiculadas por organizações multilaterais, como o Banco Mundial, articulador do processo de integração das nações ao neoliberalismo. Pautados nestas diretrizes, os países vêm promovendo ajustes em suas economias, bem como reformas sociais e educacionais para ajustar-se aos novos padrões de acumulação da sociedade capitalista.

As diretrizes pedagógicas veiculadas privilegiam o desenvolvimento de habilidades e competências indispensáveis para a inserção engajada no mercado de trabalho, sendo o principal objetivo o de desenvolver a capacidade de “aprender a aprender”, para que o indivíduo assim consiga sobressair-se. Estas propostas pedagógicas contribuem para a naturalização das relações capitalistas, impedindo que os indivíduos compreendam seu mecanismo interno, sua estrutura social de classes, limitando-se a adestrá-los para o trabalho.

O livro de Newton Duarte, doutor em educação pela UNICAMP e docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, de Araraquara, vem na contra-mão desse movimento, consistindo num poderoso instrumento teórico para os educadores e pesquisadores que acreditam na possibilidade de resistir, através da educação, aos processos sociais que privilegiam o capital. Tratado de forma instigante e provocativa, ele reúne quatro ensaios, elaborados e publicados em eventos educativos de 1997 a 2002, mas que são atualíssimos para o enfrentamento das atuais questões educacionais.

O primeiro artigo traz uma veemente denúncia do caráter adaptativo das pedagogias do “aprender a aprender”, dentre elas a pedagogia das competências. Destaca seus princípios valorativos e apresenta seu núcleo fundamental, que é capacitar os indivíduos, desenvolvendo habilidades e formando neles as competências necessárias para “encontrar novas formas de ação” que permitam “melhor adaptação aos ditames das relações regidas pelo capital”.

Define então a chamada “sociedade do conhecimento” como uma ideologia capitalista que cumpre sua função na reprodução do capitalismo contemporâneo, que é a de

** Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM-PR), Docente da FAFIPA - Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Paranaíba. E-mail: lnfavaro@bol.com.br.

*** Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM-PR), Docente da UNICENTRO – Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná, Campus de Irati. E-mail: mfernandeslima@yahoo.com.br.

enfraquecer as críticas radicais a essa formação societária e minar a luta por uma revolução. Apresenta brevemente cinco ilusões utilizadas para esse fim: a de que o conhecimento hoje é extremamente acessível, a substituição da aquisição de conhecimentos teóricos e metanarrativas pela habilidade de “mobilizar conhecimentos” para lidar com as situações cotidianas, a de que o conhecimento é uma construção subjetiva ou uma convenção cultural e não uma apropriação da realidade pelo pensamento, a de que não há diferenças valorativas nos mesmos e, finalmente, a de que os problemas existem em decorrência de determinadas mentalidades, sendo necessário apelar à consciência dos indivíduos para resolvê-los. Consegue assim explicitar as armadilhas destas pedagogias, que desqualificam as ações efetivamente educativas, ameaçando a transmissão dos conhecimentos historicamente acumulados.

Os demais ensaios dão ao leitor subsídios para superar essas ilusões, ao promover uma análise profunda e radical da natureza do processo educativo, pautada em reflexões ontológicas e epistemológicas, com base em pressupostos teórico-metodológicos marxistas. O segundo artigo explicita os fundamentos da oposição entre a epistemologia adotada pelo interacionismo, pautada no “modelo biológico da interação entre organismo e meio ambiente”, e a concepção histórico-cultural, cuja ênfase é na “relação histórica e social entre sujeito e objeto”. Partindo da ontologia de Marx, na qual a dinâmica fundamental da historicidade humana é produzida na dialética entre objetivação e apropriação, Vigotski defende que o processo de apropriação da cultura pelos indivíduos é ativo, permitindo reproduzir nos homens as aptidões e funções humanas historicamente determinadas.

Com esses pressupostos, o autor faz um paralelo com a Pedagogia Histórico-Crítica, conceituada por Demerval Saviani, ressaltando que a formação do indivíduo é um processo educativo em que a educação escolar assume papel decisivo, por mediatizar o processo de apropriação da cultura. Elabora assim sua teoria do trabalho educativo, concebendo-o como uma produção “direta e intencional” da humanidade do indivíduo, devendo por isso posicionar-se em relação à cultura humana, às objetivações produzidas historicamente, bem como sobre o que seja a humanização dos indivíduos. Enfrenta teoricamente os conflitos entre a pedagogia da essência – pautada num ideal abstrato de ser humano – e da existência – que visa educar para realizar objetivos surgidos na sua existência empírica –, estabelecendo objetivos educacionais que superem os limites da divisão social do trabalho e reafirmando os direitos de todos os indivíduos à apropriação da cultura humana.

O terceiro artigo fundamenta a natureza dos conhecimentos a serem apropriados e suas características. Parte do estudo da epistemologia materialista e dialética de Vigotski, que concebe o desenvolvimento sócio-cultural como o de um indivíduo situado na história social humana, tendo como fator determinante a mediação do adulto para a apropriação dos produtos culturais (materiais e intelectuais), e compara o método dialético de Vigotsky e Marx, que estabelece relações entre o todo e as partes, entre o abstrato e o concreto. A produção do conhecimento exige aqui o trabalho analítico com as categorias mais simples e abstratas que compõem o todo, captando toda sua riqueza enquanto parte das relações por meio das quais se compõe o todo, para então chegar ao todo com sua totalidade de determinações e relações complexas.

Ao analisar as relações entre a gênese da realidade objetiva e a gênese do pensamento, discutidas por Marx, conclui a questão epistemológica chamando a atenção para o fato de que, “embora o conhecimento científico caminhe do abstrato ao concreto, das partes para o todo”, na realidade objetiva “o todo já existe antes que seja reproduzido no plano do pensamento”, e essas características também determinam o ser das partes. O conhecimento nada mais é, portanto, do que a reprodução da realidade pelo pensamento,

processo esse em que o concreto é mediatizado pelo abstrato para que possa de fato ser apreendido em todas as suas dimensões. Com esses pressupostos, Duarte combate as tendências atuais de rejeitar a perspectiva de totalidade, que se limitam ao particular e não contribuem para se chegar a uma visão articulada do todo, e contrapõe-se também ao relativismo subjetivista e aos intelectuais pós-modernos e construtivistas.

Na psicologia e na educação, estas conclusões levam-nos a analisar o desenvolvimento infantil a partir do adulto desenvolvido, sendo o processo educativo fundamental. Duarte contrapõe-se radicalmente às concepções dominantes, que concebem o processo educativo como processo de interação entre significados subjetivos e individuais, ao defender a objetividade e o processo de desenvolvimento do conhecimento, que resultam em formas mais evoluídas de saber, que devem ser transmitidas pelo trabalho educativo na escola. Esse saber apropriado pelo homem converte-se em órgão de sua individualidade”, permitindo-lhe superar os conceitos cotidianos e conhecer de forma mais concreta, “pela mediação das abstrações”, a realidade da qual é parte, passando do “em si” ao “para si”, isto é, tornando-se livre e racional.

Para concluir, no último artigo apresenta-nos o filósofo soviético ainda pouco conhecido no Brasil, Evald Vasilyevich Ilyenkov (1924-1979), que apóia-se nas obras de Marx, analisando seus conceitos de ideal e idealidade. Ilyenkov define a natureza das idéias e a qualidade dos fenômenos ideativos, tendo como pressuposto que o ideal não pode ser visto como separado e distinto do material, pois é produto da construção do mundo material humano. Ou seja, a natureza e origem da idealidade são puramente sociais, o homem se depara com uma lógica social resultante da totalidade das relações, não de sua vontade.

A decorrência dessa análise filosófica é a concepção de que a formação do indivíduo, sua consciência e vontade, dá-se através da “apropriação da idealidade objetivamente existente na cultura humana”, ou seja, a partir de sua inserção no mundo da cultura, através da educação. Duarte enfraquece assim a polêmica do idealismo e do materialismo, reafirmando a tarefa educacional de caminhar contra a alienação do homem, para que se torne senhor “tanto de sua materialidade quanto da idealidade” que constituem o mundo da cultura humana.

É uma obra que se destaca em meio a outras do mesmo gênero, não só pelo aspecto crítico e contundente, mas pelo aprofundamento que efetua ao apresentar os pressupostos de seu pensamento. Oferece preciosos subsídios teóricos para uma ação educativa responsável e socialmente comprometida, contribuindo na luta pela superação dessa sociedade, pautada nos ditames do capital, que (re)produz e amplia a miséria e a exclusão humanas.